

Crime ~ Suspense ~ Estoria da fantasma

Declan Conner



Esconde ~ Esconde

Ter medo da floresta ~ Tenho muito medo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Esconde Esconde

Declan Conner



Scorpion eBooks

Copyright

Esconde ~ Esconde



Edição integral

Copyright © 2014 Declan Conner

Todos os direitos reservados

Título do original: Hide and Seek

Copyright © 2011 Declan Conner

All rights reserved



Tradução para o Português - Matheus Meloni Pereira

Edição eletrônica - Ana Angélica Lopes Sampaio



Copyright

Hide and Seek



American version

Copyright 2011- Declan Conner

All rights reserved



English version edited by- Steven Ward.

Editorial and proof reading services



For subsidiary rights, email. declanconner@hotmail.com



Table of Contents

[Esconde](#) - Esconde

[Hide and Seek \(US\)](#)

Esta é a versão em **Português**. Para a versão em inglês **Americano (Estados Unidos)** clique nos links abaixo.

[American English version](#) (Estados Unidos)



Esconde ~ Esconde



Cinco horas em uma fria manhã de novembro. Sexta-feira, dia 14, 1975, para ser mais exato. Carl Jones jamais esqueceria desta data. Era o dia em que deveria celebrar o seu trigésimo sexto aniversário. A sua namorada deveria estar acompanhando-o em sua jornada, mas na noite anterior ela havia dito as imortais palavras quando terminou o namoro com ele. — Eu sinto muito, mas uma voz no fundo da minha mente está me dizendo que não é pra durar — Ele pensou se era algum tipo de clichê passado pelas mulheres de sua cidade, já que todos namoros acabavam com uma frase similar a esta. Carl deu de ombros aos seus pensamentos, de volta ao seu destino como o solteiro mais velho da cidade. Com a sua cabeça limpa, mas coração pesado, ele lentamente andou à estação ferroviária de Bakersfield, na periferia da cidade.

O sol estava visível no horizonte, uma gigante meia-esfera de cor âmbar. Ainda levará algumas horas para que seus raios de luz façam efeito na grama coberta de gelo pro lado das colinas. Mas ele já havia notado formações de neblina nos campos baixos. Uma onda de ar gelado bateu em seu rosto. Seus cabelos grandes mantinham suas orelhas quentes, mas seu nariz adunco começou a arder. Ele colocou uma máscara de esqui no seu rosto por proteção e enfiou as mãos bem fundo nos bolsos. A ponte acima do rio que o levaria à entrada da estação já estava à vista, e de repente desapareceu em um turbilhão de névoa.

Com somente a mureta para manter ele no caminho, ele começou a atravessar a ponte. Uma sensação estranha entrou nele; a sensação de estar sendo seguido. Ele rapidamente olhou por cima de seu ombro. Ninguém lá, nenhum som... nada. Após balançar a cabeça com desgosto, deu ele uma gemida expressando o seu enjôo e seguiu em frente. O baixo barulho de um sino tocando indicava-lhe que estava perto da estação. Ele rolou a sua máscara em uma touca que ficou no topo de sua cabeça. O som do sino da estação estava cada vez mais alto. *Quase lá.*

Essa foi a primeira vez em vinte anos em que ele usou a estação. Com a cidade a 80 km de distância e a rua provavelmente coberta de gelo, ele achou que a melhor escolha seria pegar o trem. Além disso, ele tinha um livro que queria ler e estava buscando por uma jornada relaxante. Ele encontrou um banco vazio na plataforma. Os ponteiros do relógio da estação pareciam estar parados em 1:30. Estava quieto como um deserto, o sino não estava tocando e a brisa havia parado.

Ele sentiu um pouco de conforto sabendo que poderia ver a ponta da plataforma e sentou-se no banco de madeira. Um olhar para a esquerda e para a direita e não viu ninguém esperando pelo trem. Mas também eram apenas 5:15 e estava difícil de enxergar. A estação era apenas a duas paradas na linha, então ele não esperava que o trem se encheria pelo menos até a quinta parada. Ele apalpou o seu bolso e sentiu-se aliviado quando sentiu a capa de seu livro, *Shōgun*, por James Clavell. Por um momento, ele pensou que havia esquecido o livro. Uma música entrou em sua mente, *Imagine*, por John Lennon, mas ele

não conseguia passar pelas palavras dos três primeiros versos. O som, à distância, do trem chegando quebrou o silêncio, cada vez mais alto, até a aguda e dolorosa parada que foi de se ouvir. A neblina por trás do caminho que o trem fez. A porta do passageiro abriu, e um guarda subiu na plataforma.

— Maldita neblina — disse o guarda. — Está tudo claro até quando você passa pelo meandro do rio. Estejam à borda antes de eu tocar o apito.— E lá se foi, correndo pela plataforma.

O trem fez um caminho na neblina de pelo menos um vagão de distância. Ele chegou a ver o guarda novamente, logo antes dele desaparecer na névoa e passar a silhueta de um homem e uma menina subindo à borda. Uma mulher estava no fundo, acenando, como se estivesse mandando a criança em uma jornada. Uma sensação de agulhas penetrando o seu corpo inteiro surgiu, à medida que a brisa voltava. Ele subiu à borda, fechou a porta e foi até o meio do vagão, procurando por um banco. Viu o vulto do homem e da menina passando, mas ele não prestou atenção a eles e enfiou a sua mochila na prateleira de bagagem antes de sentar-se.

O aquecedor não está funcionando, pensou ele, tremendo. A temperatura parecia estar mais baixa do que fora do trem. Ele levantou a gola da sua jaqueta, dobrou os braços, colocando as mãos nas axilas e enfiou seu queixo no peito. Não ajudou, então ele esfregou uma mão na outra. Dando uma olhada pro lado em direção à janela cheia de vapor fez o seu coração saltar pela boca. Por uma fração de um segundo, ele pensou que havia visto a imagem de um garotinho, mas após passar a mão no vidro, ele notou que era apenas um reflexo de si mesmo. *Idiota*.

O trem pegou velocidade, indo com dificuldade no começo, até que ficou em um ritmo hipnótico. Seu corpo começou a se adaptar ao frio, e assim pescou o livro do seu bolso. *Mas o que... como isso aconteceu?* “*Os Vinte e Um Balões Vermelhos (The Twenty-one Red Balloons)*, por William Pène du Bois”, leu ele da capa do livro. Ele abriu na primeira página. Rabiscado na página do título estava uma dedicatória. “Para Carl, feliz aniversário, te amo. Beijos. Mamãe. 14 de novembro de 1947.” Com sua ferocidade acalmada, ele sorriu. *Ela deve ter trocado os livros*. Era o tipo de surpresa que a sua mãe ocasionalmente fazia com ele. Talvez era pra fazê-lo lembrar que ele havia decidido passar o primeiro aniversário de sua vida longe dela. *Shōgun terá que esperar*. Ele passou pelas páginas. *Cara, ela ficou doida*. Ele voltou à página do título. *Quarenta e sete? Isso é uma brincadeira comigo? Um livro de crianças?* Ele suspirou e colocou o livro no seu bolso antes de cair no sono.



— Estou esperando... pronto ou não.

A voz quase cantou estas palavras. A imagem de uma garota apareceu, o seu rosto pálido contornado pelo seu cabelo emaranhado e uma expressão sem emoções. As partes brancas dos olhos dela estavam pretas, mas ainda brilhantes. Uma lágrima vermelha saiu do canto do olho dela e escorreu pelo seu rosto. O corpo de Carl de repente sacudiu de lado a lado, e um gemido de alta-frequência machucou o seu ouvido. Ele entrou em pânico, lutando para abrir os olhos e agarrar o encosto de cabeça. Uma olhada para fora da janela e ele percebe que o trem estava fazendo uma curva. Por um momento, ele havia esquecido que estava no trem. *Droga, deve ter sido um pesadelo*. As rodas do vagão ainda estavam raspando no trilho. Assim que o caminho tornou-se reto novamente, a viagem foi mais suave, e ele sentiu a tensão indo embora.

O músculo da sua perna esticada havia se tornado firme. Ele dobrou a perna, prendendo o sapato, fazendo-o cair em baixo do banco da frente. Ele abaixou para procurá-lo quando escutou a porta do vagão abrir e fechar atrás dele.

— Passagens? — Alguém falou. A porta abriu mais uma vez e fechou novamente.

Na hora em que olhou para atrás dele, não havia ninguém ali. Os seus dedos estavam dormentes por

causa do frio, e ele já conseguia até ver o próprio hálito. *Já chega.* Ele decidiu encontrar o maquinista para reclamar. Assim que levantou, uma garotinha estava indo à porta do banheiro no fundo do vagão. O homem que estava sentado atrás dela levantou os pés e a seguiu. Carl virou e foi em busca do maquinista. No vagão ao lado, o calor o atingiu como se estivesse entrando em uma parede de tijolos. Ele avistou o maquinista que logo desapareceu pela porta à frente. Não preciso ir atrás dele. Ele suspirou e decidiu trocar de vagões. Voltando ao seu lugar, ele esticou as mãos para pegar a sua mochila. O trem balançou e ele perdeu o equilíbrio. Só se escutava o ruído das rodas parando, e ele caiu de cabeça para baixo no corredor.

O trem bateu. Preciso sair. Ele arrastou as mãos e joelhos primeiramente, e, com muita dificuldade, os pés, e se dirigiu à saída. O vagão estava balançando violentamente, lançando ele de um lado pro outro. As suas mãos agarravam os bancos, na tentativa de conseguir andar para a frente. O trem balançou mais uma vez, e ele caiu no banheiro. Ele usou o batente da porta para se apoiar e ficar em pé novamente para conseguir ir à saída... a porta estava aberta. O trem parecia ter parado, mas ele não estava querendo ficar ali por muito tempo. Ele pulou, esperando uma queda, mas caiu em uma plataforma.

Ele olhou pela estação, que parecia estar abandonada. Não havia vidro nas janelas, nem telhas na cobertura. Uma placa pendurada torta tinha o nome, *Bloomfield Junction*. Não havia sinal da garotinha, nem do homem. *Meu Deus, eles devem ter pulado.* O trem era apenas o motor e o primeiro vagão ao longo da plataforma. Ele correu em direção ao fundo, decidindo buscar pelos dois e saltou sobre a barreira no final da plataforma. As suas pernas pareciam ter perdido a força e se dobraram sob ele, caindo de cara no chão.

— Aarrgh.

Algo caiu nas costas dele, esmagando-o, prendendo-o no lugar. O que quer que fosse, tirou-lhe até o fôlego. Ele sentiu os seus braços sendo colocados nas suas costas e ouviu um som. Clique, clique.

— Te peguei — um rude grito, e logo após foi girado, ficando de barriga para cima. O forte guarda encarou ele e cuspiu um catarro perto do seu rosto. — Tentando pegar uma viagem sem pagar, seu desprezível. Pular a corda de emergência vai acabar te colocando na cadeia.

— Não... Espere! Você entendeu tudo errado. Tinha um homem... e uma garotinha. Eles podem estar feridos. Eu acho que eles pularam.

O maquinista e o mecânico juntou-se a eles. Ele sentiu uma dor afiada no lado ao ser chutado pelo mecânico.

— Prisão é um luxo num caso desses.

— Espere, ele disse que havia uma garotinha e um homem. Talvez eles puxaram a corda? — disse o guarda, contendo o mecânico.

— Bastardo mentiroso. Não tinha ninguém no vagão quando eu pedi as passagens. Ele devia estar se escondendo.

— Você passou por eles na plataforma quando eu subi no trem... lembra? — disse ele ao guarda.

— Guarda o papo pros policiais — o guarda rosou. — Melhor colocar o trem de volta no percurso. Vou esperar os policiais chegarem. Ligue para a delegacia e peça para que me enviem um carro para me buscar — disse ele, passando o seu apito ao maquinista. — Levanta, seu desprezível, e não... eu não lembro... porque não tinha ninguém no vagão.

— Os policiais e a sua carona estão chegando — disse o mecânico pela janela. — Pegaremos um guarda na próxima estação.

O maquinista abriu a porta do vagão próximo a eles e tirou a bagagem de Carl. Um apito e o trem já estava indo embora.



Um carro se aproximou, esmagando o cascalho até parar. Alguns minutos depois, dois policiais uniformizados chegaram. O guarda andou até os policiais, e eles conversaram um pouco fora do alcance de som. Um dos policiais pegou um caderno e começou a fazer anotações. De vez em quando, olhavam para ele. Um dos policiais andou por ele e foi ao final do trilho. O outro se aproximou a ele. Se não fosse pela dor nos seus punhos, ele acharia que estava sonhando. *Isso é real, pode ter certeza.* A dor das algemas apertando convenceram ele disso.

— Ninguém ao longo do trilho! — o policial gritou, subindo pela plataforma. — Se alguém tivesse pulado, eles cairiam nos arbustos, mas não há sinal de dano, ou pegadas na geada.

Os dois policiais seguraram ele, levantando-o até que ficasse em pé. O guarda passou pela sua bagagem, enquanto o outro trocava as algemas.

— Você está preso... — uma voz começou a dizer, depois tornando-se monótona. — Eu preciso lhe avisar que qualquer coisa... — O resto era incompreensível. Até onde Carl Jones sabia, eles poderiam estar cantando uma canção de ninar. Os policiais o levaram até o carro, e enfiaram ele no banco de trás.



— Pegamos quem, e qual é a acusação? — perguntou o sargento na mesa.

— Um tal de Carl Jones. Subiu no trem sem comprar passagem e puxou a corda de emergência.

— Você revistou ele?

— Não — respondeu o policial. Ele puxou a máscara de esqui de Carl. — O que é isso... Você anda roubando? — Ele levantou a máscara para inspecionar. O policial jogou ela na mesa e começou a apalpar ele, esvaziando seus bolsos e colocando tudo na mesa. — A mochila contém só as suas roupas e material de barbear.

O sargento listou seus pertences. — Uma carteira preta, com oitocentos dólares. Um canivete e um livro, de título *Shōgun*.

Shōgun? Ficou de queixo caído, e seu corpo inteiro ficou arrepiado, e ele de olhos fixados no livro, não acreditando no que estava vendo.

— Nome, endereço e data de nascimento?

— O que?

— Eu disse nome, endereço e data de nascimento. Você é surdo... ou só louco mesmo? —

Os policiais e o sargento riram.

— Sexo masculino ou feminino? — perguntou um dos policiais que estava puxando o seu cabelo grande. Isso parecia diverti-los até que respondesse.

— Não... é que... desculpe. — Ele passou a informação, e o sargento ensacou os seus pertences.

— Levem-no à sala de interrogação e mantenha-o algemado até que confirmem a história dele.



Sua mente estava agitada. Ele sentou em uma sala com apenas duas cadeiras, uma mesa e um gravador. Nada faz sentido. A garotinha... o homem... e pelo amor de Deus... o livro. Foi um sonho?

A porta da sala abriu.

— Detetive Frank Johnson... Pode me chamar de Frank — disse ele, sorrindo. O detetive andou até atrás dele e soltou as algemas. — Não acho que precisaremos destas. Carl, né? — disse ele, sentando.

— Sim, Carl... Carl Jones. — respondeu ele, esfregando seus punhos.

— Não é o melhor aniversário né? — ele colocou uma ficha na mesa. Pressionou o botão de gravar e recitou a data, horário e os nomes completos dos dois. — Já leram-lhe os seus direitos?

— Acho que sim. Eles leram, e você tem razão. Com certeza não é um aniversário feliz.

Frank sorriu. — Agora, o que é essa baboseira? Eu conversei com o xerife de Bakersfield. Disse que você é conhecido e estimado por lá. Disse que você é um hippie que vai à igreja, de todas as opções?

— Sim, eu dou aulas da bíblia para as crianças. Mas eu sinceramente não sei o que aconteceu, exceto que o trem parou e tudo ficou um inferno do nada. Eu achei que tivesse acontecido um acidente, então eu pulei do trem.

— Olha, filho, você estará se fazendo um favor só ao dizer o que você veio fazer em Bloomfield? O que era tão urgente que você precisaria puxar a corda de emergência?

— Eu juro sobre a bíblia que eu não vim fazer nada em Bloomfield... e eu com certeza não puxei a corda.

— Calma, filho. Estou do seu lado. O que é essa história sobre uma garotinha e um homem... você pode descrevê-los?

— Estava difícil com a névoa. A garotinha parecia ter nove, talvez dez anos. Ela tinha cabelos grandes, pretos, um casaco preto e perneiras pretas. O homem tinha um casaco preto, um chapéu de caça preto que cobria as suas orelhas e também calças pretas. Eu não conseguiria dizer a idade, talvez quarenta anos.

— Que tal características?

— Como eu disse, estava nevoento.

— E no vagão?

— Só vi eles de trás; eles não sentaram juntos. O homem sentou atrás da garota.

— Que tal raça... algum rosto de cor específica ou brancos?

Carl procurou em sua memória, *de cor ou branco? Eles estavam pretos com a neblina. O que eu fallo?*

— Então?

— Desculpe, não sei dizer qual. Como eu disse, estava nevoento. Espere... Tinha uma mulher também, acenando para a criança.

— Você pode descrever *ela*? — Após um longo silêncio, Frank bateu de leve seu lápis na mesa. — Deixe-me adivinhar, ela estava vestida de preto, da cabeça aos pés. — Ele se encostou mais na cadeira, ficando só com os dois pés no chão e mordeu o lápis.

— Bem, sim, como você sabia?

— Eu acho que perto das quatro da manhã houve um funeral na cidade. Hehe, isso soa muito certo, de alguma forma, não acha — ele se aproximou da mesa, seu sorriso tornou-se em um olhar severo e sua voz abaixou. — Agora, vamos à verdade, de onde você conseguiu os oitocentos dólares?

Seu corpo começou a tremer com o novo tom de voz. — Eu estava guardando em casa para comprar uma guitarra original da Gibson para meu aniversário. Era pra lá que eu estava indo, para Carson City, para comprar uma guitarra.

O detetive ficou em pé rapidamente e pegou a ficha da mesa. Ele pressionou o botão de parar no gravador e removeu a fita.

— Você estará perante a corte na manhã sob duas acusações. O melhor que você tem é uma noite em uma cela para pensar sobre tudo antes de começar a implorar. Você tem direito a uma ligação — disse ele, e marchou para fora da sala.

Um policial entrou e guiou-o para uma cela. A porta de metal fechou-se ruidosamente, seguido pelo som de raspagem da chave dentro da fechadura. Carl ficou lá e encarou a porta fechada, com um único cobertor em seus braços.



Carl andou os últimos quarenta metros do ponto de ônibus até a sua casa. A audiência não durou mais que dez minutos. — Setecentos e setenta dólares de fiança deve ser depositado à corte — disse o juiz. — O julgamento será em duas semanas, na segunda-feira. Seu advogado não entendeu de onde tiraram a estranha quantia.

Detetive Johnson sorriu para ele quando estava pagando ao encarregado do caixa da corte. O olhar que Frank deu indicou de onde a quantia estranha veio.

Ele só estava feliz que tinha o suficiente para comprar um sanduíche e voltar pra casa.

A varanda da frente abriu enquanto andava pelo jardim da frente.

— Oi, meu docinho — disse sua mãe.

— Oi, mãe, é bom estar em casa.

— Eu aposto que é. Venha, conte-me sobre a sua viagem com uma limonada para acompanhar.

— Mãe, quantos anos você acha que eu tenho, cinco? Uma cerveja me cairia melhor e por favor, pare de me chamar de docinho.

— Você sempre vai ser meu docinho, mas dentro da geladeira deve ter algumas cervejas — riu ela.

— Vou só pro meu quarto me trocar. Já desço.



Após tomar banho, ele trocou de roupas e deitou na sua cama. *Os Vinte e Um Balões Vermelhos*, ele repetia no seu pensamento enquanto encarava as estantes. A sua sala parecia uma biblioteca. Duas paredes tinham livros do chão ao teto onde ele colocava os seus livros de criança. Metodicamente, ele passou os dedos pelos livros, mas não havia *Os Vinte e Um Balões*, e ele também não conseguia lembrar ter lido o livro. Ele deixou o seu quarto e desceu para a cozinha.

— Pronto para me contar agora? — sua mãe perguntou e lhe passou uma lata de cerveja.

— Mãe, você ou papai já me compraram um livro chamado *Os Vinte e Um Balões Vermelhos*, de aniversário?

— Nossa, comprei tantos livros ao longo dos anos, eu não me lembro.

— Pode ter sido em mil novecentos e quarenta e sete, isso ajuda?

— Não exatamente. Quantos anos você tinha?

— Oito, eu acho. É, com certeza oito.

— Ah, eu não sei, docinho, me conta logo o que aconteceu sexta-feira.

— Mãe, é importante. Por favor, tente lembrar... depois eu te conto.

Ela tomou um gole da sua limonada e começou a contar com os dedos.

— Isso. Foi quando eu te levei para Carson City para ver o seu primeiro filme como presente de aniversário. Você estava com oito anos. Eu te dei um livro para a sua jornada de trem... Mas não lembro o nome. Por quê?

— Só quero saber. Eu procurei pelos livros na minha estante mas não o encontrei.

Os olhos dela rolaram para cima como se estivesse tentando lembrar de algo, e de repente, ela olhou com um rosto de — Eureka!

— Balões de Ar Quente, esse era o nome. O seu pai achou que era muito avançado para a sua idade e colocou no sótão junto com uns desenhos de escola.

— Obrigado, mãe. Volto já.

— Mas...

Ele se aproximou e deu um beijo no rosto dela, antes de sair correndo da cozinha.



Carl encontrou a caixa enfiada no sótão e começou a remexer tudo. No fundo da caixa, ele encontrou o livro. Ao ver o livro, um calafrio passou pelo corpo dele. Havia uma sensação de choque elétrico quando ele segurou o livro. Foi só por um breve momento, mas ele tinha certeza que tinha ouvido uma garota rir e viu uma visão de um trem cheio de pessoas. *Caramba*. As suas mãos tremiam. Um surto de medo fez com que ele descesse a escada de mão com pressa, de volta à segurança da cozinha.

— Parece até que você viu um fantasma — disse a mãe dele. — Seu rosto está branco.

— O seu estaria também se fosse no sótão; está frio demais lá. Mas agora preciso de silêncio por um minuto.

Ele passou por todas as páginas, por algum motivo. Na última página vazia ele avançou e se surpreendeu com o que viu. Ele estava encarando um desenho colorido de giz de cera. Tinham desenhos de palitos de um garoto e uma garota de mãos dadas, e o contorno de uma igreja. A igreja estava cercada por um campo de narcisos, intercalados com cruzeiros. Sob a foto, escrito aparentemente por uma criança, estava um nome, Mary. Ele empurrou o livro para a sua mãe.

— Quem é Mary?

Dessa vez foi a mãe dele que parecia ter visto um fantasma.

— Ah meu Deus, não pode ser!

— Não pode ser quem?

— O que fez você pensar nesse livro?

— Você não acreditaria em mim se eu dissesse. Só me diga quem desenhou isso e quando?

— Foi no seu aniversário de oito anos. — Suspirou ela. — Lembra? Eu disse que levaria você de trem.

O trem estava lotado, e todas as crianças estavam correndo. O maquinista não estava feliz. Eu fiz você sentar com uma garotinha com a qual estava brincando. Dei-lhe este livro, um livro de giz de cera e um pacote de giz. Quando eu olhei, a garotinha estava rabiscando no seu livro de ler, então eu tirei-o dela. Vocês dois correram pelo corredor. Dez minutos depois, você voltou estranho. Disse que estava brincando de esconde-esconde e perdeu ela. Dormiu como um bebê pelo resto da jornada.

— Isso é tudo? Por que o seu rosto está mais pálido que a cor branca?

— Não... Hmm... Isso não é tudo. — Ela olhou para o chão. — Alguns dias depois houve uma notícia de que uma garota havia desaparecido no trem. A polícia pediu para que todos se apresentassem para fazer uma declaração, então eu fiz. Eles conferiram as passagens e só faltavam duas... a da garotinha e a do homem. Nunca encontraram eles. Estava em todos os jornais. O nome dela era... Mary.

— Jornais? — Ele saltou da cadeira e foi direto para o carro.



Arauto Diário de Bakersfield, disse a placa sobre a entrada. Carl entrou.

— Você tem os arquivos das notícias do ano mil novecentos e quarenta e sete?

— Claro. Temos uma máquina na sala de leitura. Eu pegarei a microficha — disse o funcionário.

Ele aguardou na sala de leitura até que o funcionário entrou e entregou o filme a ele. Ele conferiu as manchetes e parou quando uma chamou a sua atenção. Foi dois dias após o evento.

Mãe relata que sua filha está desaparecida

Uma busca está em andamento por Mary Ainsworth, de nove anos, filha de Jéssica e Frank Ainsworth. A família havia acabado de se mudar para Bakersfield. A mãe de Mary disse à polícia — Eu vi a Mary

pela última vez na Estação de Bakersfield no dia 14 de novembro, quando estava indo visitar a sua avó — A polícia está pedindo para que todos os passageiros no trem de Bakersfield a Carson City da uma hora e meia da tarde apresentem-se.

Aparentemente o trem estava vazio até ter chegado em Bakersfield, de acordo com uma declaração feita pela Ferrovia do Oeste da Califórnia...

Ele leu tudo que encontrou relacionado. Mas uma manchete apareceu na tela, e ele olhou pelo filme. Sua barriga doía e ele tremia, enquanto ele freneticamente tentava olhar pelo filme.

Mary... Homem misterioso procurado pela polícia

Em uma tentativa de encontrar Mary Ainsworth, Detetive Frank Johnson lançou detalhes sobre um homem que gostaria de entrevistar. De acordo com a Ferrovia, ele foi o único homem que não se apresentou para fazer uma declaração. Descrito por outros passageiros, ele estava vestindo um chapéu de caçador preto, com um casaco e calças pretas. Detetive Johnson está no meio de um apelo para que o homem apareça, para que possa ser eliminado como um suspeito...

O corpo inteiro de Carl estava se arrepiando, e por mais que a sala estivesse quente, as pontas dos seus dedos ficaram dormentes. Ele entregou o filme ao funcionário e fez-lhe uma pergunta.

— Você tem alguma idéia de onde eu posso pegar uma cópia dos cronogramas de trens velhos?

— Claro, todos cronogramas impressos desde que a linha abriu. Qual ano? Deixe-me adivinhar, quarenta e sete?

O funcionário levantou um volume pesado na mesa e soprou a poeira da tampa. —Aqui está. Qual mês?

— Novembro.

O funcionário encontrou a página e virou o livro em direção a ele. Carl colocou o dedo na lista para encontrar a lista de Bakersfield às 13:30 e depois para a parada; Carson City. *Bingo, Estação Bloomfield, 14:05.*

— Quando a Estação Bloomfield fechou? — perguntou ele ao funcionário.

— Não faço idéia.

— Mil novecentos e quarenta e oito, quando eles fecharam a pedreira. — disse um senhor atrás do funcionário.



Quando ele chegou em casa, havia uma nota na mesa da cozinha, de sua mãe.

— Fui à mercearia. Espere por mim. Precisamos conversar.

Carl foi ao seu quarto para pensar. Ele levantou a tampa da sua velha vitrola e tirou o álbum *Imagine* da capa, colocou no disco e começou a tocar. A agulha travou e ficou tocando os três primeiros versos sem parar. *Droga.* Ele se lembrou que o mesmo aconteceu quando estava recitando as letras na sua mente na estação. *O maldito pregador colocou uma maldição após o sermão da semana passada... disse que era anticristo.* Ele começou a pensar sobre a letra. *E se não existisse céu ou inferno? Ou se existisse, como nos foi ensinado, mas também tivesse algo entre um e o outro? Os católicos têm o seu purgatório.* Ele tirou o álbum do tocador e colocou contra a luz, mas não conseguiu ver riscos, então ele guardou de volta na capa.

Ele jogou o seu corpo na cama, entrelaçou as mãos atrás da cabeça e olhou para o teto. *Tem que haver uma explicação lógica. Fantasmas não existem. O chapéu de caçador, o horário no relógio... Tem que ser uma coincidência.* Ele pensou na letra mais uma vez. *Fantasmas... Ou espíritos? Espere, é isso; não*

existe céu ou inferno para eles. Não vá lá. Ele se estremeceu para limpar os pensamentos. Lógica... Lógica... Pense... Pense, não saia do caminho. Não havia explicação lógica. Lembranças... flashbacks. Talvez a viagem de trem liberou algo no meu subconsciente? Ele se sentou. *Talvez eu saiba de algo sobre ela. Vamos lá, pense fora do óbvio.* Quando ele coçou a cabeça, um pensamento obscuro entrou nele. *Droga, e se eu... Empurrei ela para fora do trem?* Ele se estremeceu. No fim das contas, decidiu que deveria visitar Bloomfield.

Ele pulou da cama e correu para a cozinha para pegar as chaves de seu carro. Num piscar de olhos, já havia passado pela cerca e estava em seu carro. Um estalido da ignição ligou o motor, ele virou o carro, dando de cara com a sua mãe. Ele abaixou a janela.

— Espere, alguém está vindo para te ver.

— Não tenho tempo — gritou ele. — Estou indo à Estação Bloomfield. Volto em algumas horas. — disse ele, subindo a janela, antes de ir embora.



A placa na rua da Estação Bloomfield tinha uma seta apontando para a esquerda. *Pensei que já teriam removido-a a essa altura.* Ele chegou na estação e encostou no estacionamento. Os pneus fizeram o mesmo som que ele ouviu quando o carro da polícia tinha parado. Alguém tinha arrumado o portão da cerca que não estava mais pendurado por uma dobradiça só. Não houve nem um rangido quando ele empurrou o portão.

Ele subiu na plataforma, mas a sensação não era a mesma. Nem se parecia com a mesma. *Alguém consertou tudo tão rápido?* Havia uma linha branca fresca pintada na ponta da plataforma. A placa com o nome da estação estava reta e pintada. Ele virou-se para olhar o edifício. Todas as janelas estavam envidraçadas e telhas colocadas. Até o relógio parecia ter sido trocado. *Cestas de flores? Talvez eles vão abrir a estação novamente?* Ele olhou o seu relógio de pulso e depois de volta ao relógio. *Maldito relógio está lento, cinco minutos depois das duas? Meu Deus!* O tempo parecia sempre seguir a idéia de coincidência, e ele começou a surtar. Seus joelhos começaram a enfraquecer.

Ele andou em direção a um banco e levemente o tocou, para ter certeza de que a tinta estava seca antes de se sentar. O céu já estava se abaixando. Ainda estava claro, mas se tornando frio. Leves flocos de neve começaram a cair, formando uma fina camada no chão. Ele se sentiu idiota por ir lá. *O que eu estava esperando?* Ele fechou os olhos, disposto a que uma memória de vinte anos atrás chegasse de repente. Tudo que ele conseguia imaginar era a guitarra da Gibson que ele não conseguiu comprar. Ele balançou a cabeça e decidiu que já havia desperdiçado muito tempo. *Hora de voltar para casa.*

Uma súbita queda de temperatura engoliu-o. Foi como nada que já havia experimentado antes, como se estivesse entrando em um congelador. Um som de risada veio da sua direita. Ele sentiu uma vontade de se mover rapidamente para o carro, mas um sentimento o obrigava ainda de ver quem era. Ele passou pela ponta do edifício, e acabou de cara com um bosque. Uma sombra parecia se lançar entre as árvores à sua frente.

— Quem é? — gritou ele.

Não houve resposta, só uma risada assombiante. O seu instinto era de esquecê-la, mas ele logo se viu andando em direção de onde viu a sombra. Um galho quebrou atrás dele, e ele virou. Analisou a área, mas não viu ninguém e seguiu em frente. Uma olhada no relógio e ele notou que estava perseguindo quem quer fosse por quase trinta minutos.

— Apareça, quem é que seja. — gritou ele. — Se mostre.

— Você nunca me encontrará. — Uma voz melódica chamou e fez ele parar no lugar.

Estava ficando escuro. Os sons das criaturas o estavam fazendo se sentir nervoso. Mas, estranhamente, as fugazes vistas de quem é que estava ali, brincando com ele, não parecia ser uma ameaça.

Ele esticou o pescoço quando ouviu um som à sua direita. Foi como um lento e rítmico baque, qual ele decidiu seguir. Na ponta da clareira, ele parou. Tinha um senhor cortando madeira com um machado. Ele sentiu que havia algo à sua esquerda, e virou rapidamente. *Maldito esquilo*. Ele observou-o enquanto corria. Ele olhou para direita a tempo de ver uma garotinha desaparecer atrás de uma árvore. Havia uma sensação de compulsão a continuar o jogo. Ele seguiu ela, à medida que ela ia o provocando, e ele quase circulou os fundos da casa do senhor. Uma sobra se moveu atrás de uma caminhonete ao lado da casa. *Te peguei*.

Não me pegou não, não ainda, reverberou na sua cabeça, de uma forma provocante em uma voz de uma garota, ecoando pela sua mente.

Seu corpo foi lavado em adrenalina. Foi como a primeira vez que entrou em uma luta na escola, mas dessa vez tinha um calafrio no meio. A sombra parecia estar se lançando de trás da caminhonete direto para uma porta fechada da casa. *Droga, cara; me diga que eu não vi isso. Isso não aconteceu*. Piscando cuidadosamente, ele seguiu em frente por trás da caminhonete.

Pancada surda, pancada surda. Ele ainda conseguia ouvir o senhor com o seu machado. Ao mesmo momento, ele estava consciente de que seu coração estava batendo tão alto que até sua mãe estava ouvindo lá em Bakersfield. Ele lutou uma batalha seja para ficar ou continuar, mas a curiosidade o trouxe à porta. Em um instante, ele estava dentro, mas estava completamente escuro. Ele enfiou a mão no bolso e pegou sua latinha de rapé. Quando tirou a tampa, o doce cheiro de tabaco parecia néctar para seus sentidos e mascarou o cheiro de sujo e úmido da sala.

Ele tirou um fósforo e acendeu-o. Havia escadas para uma adega e um interruptor de luz, mas ele não ousou acender a luz com medo do senhor ver o brilho. Quando ele pisou no último passo, a chama do fósforo queimou seus dedos. — Ai! — O fogo piscou e apagou.

A adega estava congelando. A sua mão tremia quando tentava acender um outro fósforo. O segundo fósforo acendeu e ele escutou uma risada. Isso o fez pular, e ele perdeu o fósforo. Na escuridão, ele avançou em direção a onde parecia estar ouvindo a risada, e tentou acender um outro fósforo. O seu pé bateu em algo, e ele caiu. Teve um som alto de algo que saiu sobre ele. — Merda! — Ele finalmente conseguiu acender um fósforo. Uma enorme caixa caiu em cima dele. Ele espiou por cima do topo e congelou.

Debruçada no canto estava a aparição de uma jovem garota. As pernas dela estavam presas pelos tornozelos e seus joelhos estavam dobrados em seu peito. Braços emagrecidos sobre os joelhos, seus punhos presos com corda. O cabelo emaranhado da cabeça curvada dela cobria seu rosto. Lentamente, ela levantou a cabeça e virou para encará-lo. *É ela!* De repente nada... Só escuridão quando o fósforo se apagou. Ele pensou que estava ficando louco e correu para trás como um caranguejo. Uma voz na sua cabeça começou a rir.

—Você me encontrou — ele escutou alguém cantando sem parar, ficando cada vez mais baixo, até desaparecer, tornando-se completamente inaudível.

Uma batida forte no topo da escada aconteceu. A sala, inundada de luz, temporariamente cegando-o. Ele rolou de costas e levantou-se. Seus olhos focados e ele viu uma figura descer da escada. Era o senhor, segurando um machado.

— Você... Você... Você assassinou Mary!

O rosto do homem era contorcido. — Agora é a sua vez.

— Não, não... Por favor. — Carl se mexeu para trás, agarrando o chão com as mãos e empurrando-o com os pés, até que a suas costas atingiu a parede. O machado do senhor já estava levantado, pronto para golpear. Não tinha lugar para se esconder. Ele se apertou contra a parede, deixando-o devorá-lo. De repente, um estrondo muito alto.

Tudo parecia ter acontecido lentamente e sem som. O olho esquerdo do homem explodiu e lançou tendões em uma rajada de gosma vermelha. Seu corpo caiu de costas com o peso da ponta do machado.

Ele soltou o cabo de sua mão. O machado balançou como um pêndulo, e só parou quando atingiu firmemente a virilha do vilão.

— Argh — Carl se estremeceu e quase vomitou. — Detetive Johnson! — gritou ele, quase não acreditando no que estava vendo, mas com uma sensação de alívio enquanto via Frank descer os degraus, com a arma nas mãos. — Como você sabia que me encontraria aqui?

— Um palpite, filho — disse ele quando chegou no final das escadas e guardou a sua magnum no coldre.

— Isso, e uma ligação da sua mãe.

— A estação, tudo bem, eu entendo, mas por que aqui?

— Uma longa história. Esse homem foi um suspeito meu por anos. Nunca tive o suficiente para um mandado de busca. Tenho que admitir, me assustou muito quando me contou a sua história na estação. Caramba, que estrago — disse ele, enquanto inspecionou o corpo. — Encontrei o seu carro na estação abandonada e de lá, segui em frente.

— Abandonada? — Carl estava confuso, mas de alguma forma não surpreso. — Aquela caixa... Acho que ela está naquela caixa.



Foi um dia ensolarado no final de novembro em Bakersfield. O pastor terminou o seu elogio — cinzas às cinzas — lançando terra no caixão. Uma jovem moça, pouco mais de trinta anos andou à ponta da cova e lançou um monte de narcisos antes de andar de volta à família de Mary. O pastor veio em direção a Carl.

— Você deve me dizer sobre como encontrou ela após sua aula no sábado?

— Confie em mim, você não vai querer saber. Mas obrigado por deixar ela ser enterrada no fundo da igreja. Tenho certeza que ela gostaria dos narcisos na primavera.

— Sim — O pastor parecia esvaziado, e deu um pequeno sorriso.

A moça que havia lançado as flores andou em direção a Carl, levantou o véu e sorriu. Seus olhos azuis pareciam dançar em sua visão. Ele estava paralisado, ainda mais quando notou que ela não usava um anel.

— Oi... Carl, certo? Sou a irmã mais nova de Mary, Susan. Eu vim de Carson City. Estamos muito gratos. Você deveria visitar eu... e a minha mãe algum dia. Podemos dar um passeio por lá. — Ela pegou sua mão.

— Hã... — Foi tudo que ele conseguiu pensar para dizer. Sua mão era macia e quente.

— Tem algum lugar que poderíamos ir para tomar um café? Gostaria de conhecer você.

— Ah... Claro, isso seria bom.

Andando de mãos dadas, uma imagem do desenho de giz da Mary veio em sua mente. A imagem parecia espelhar o momento. Uma sensação de calor passou por ele. Ele tinha certeza de ter ouvido uma pequena risada. Seu sorriso aumentou. *Deus te abençoe, Mary.*



Caro Leitor,

Você chegou ao final de *Esconde Esconde*. Eu gostaria de aproveitar a oportunidade para lhe agradecer pela leitura da minha história e pedir, caso tenha gostado, para escrever uma crítica, no site do livro, que ajudará aos outros a levar esta história em consideração para leitura. Se você tem algum comentário que gostaria de compartilhar comigo sobre meu trabalho, fique à vontade para enviar um e-mail para declanconner@hotmail.com.



Declan Conner

The following is the **American version. (Estados Unidos)** For **Português**. click the relevant link below.

[Português](#)



Esconde ~Esconde



Five o'clock on a chilly November morning, Friday the 14th to be exact, 1975. Carl Jones could hardly forget that date. It was meant to be the day he celebrated his thirty-sixth birthday. His girlfriend had meant to be accompanying him on his journey, but the night before she had uttered the immortal words when she dumped him. 'Sorry, but a little voice at the back of my mind tells me it's not meant to be.' He wondered if it was some form of cliché handed down by the women in the town as all his relationships seemed to end with a similar phrase. Carl shrugged at his thoughts, resigned to his fate as the oldest bachelor in town. His head clear, but with a heavy heart, he ambled along the road toward Bakersfield railway station on the outskirts of town.

The sun was visible on the horizon, a huge ember-colored half-sphere. It would be another few hours before its rays would have much effect on the frost-covered blades of grass on the hillside. But already he noticed pockets of mist forming in the low lying fields. A blast of cold air whipped his face. Long flowing locks kept his ears warm, but his large, hooked nose started to sting. He pulled a ski-mask over his face for protection and then snuggled his hands deep into his pockets. The bridge over the river that would take him to the entrance of the station came into view, and then quickly disappeared in a swirling fog.

With only the guardrail to keep him on course, he started to cross. A strange feeling engulfed him that he was being followed. He glanced over his shoulder. No one there, no sound of footsteps...nothing. After a shake of his head in disgust, he offered a token grunt at his squeamishness and continued. The faint clanking of a bell signaled he was nearing the station. He rolled the ski-mask into a cap on the top of his head. The sound of the station bell ringing in the breeze grew louder. *Almost there.*

This was the first time in twenty-eight years he had used the station. With the city fifty miles down the line and the road likely iced, he thought it best to take the train. Besides, he had a book he intended to read and he was looking forward to a relaxing journey. He found an empty bench on the platform. The hands of the station clock seemed to have stopped at one-thirty. It was deadly quiet, the bell wasn't ringing and the breeze went dead calm.

He felt some comfort that he could see the edge of the platform and sat on the wooden bench. A glance left and right didn't reveal anyone else waiting. But then it was only five-fifteen and visibility was poor. The station was only two stops down the line, so he didn't expect the train to start filling up for another five stops or so. He patted his pocket and felt relieved as his fingers ran over the outline of his book, *Shōgun*, by James Clavell. For a moment, he thought he'd left it behind. A song entered his head, *Imagine*, by John Lennon, but he couldn't get by the words of the opening three lines. The sounds of the train approaching in the distance broke the silence, growing ever louder, until it came to a screeching and painful halt at the platform's edge. Mist swirled in its wake. The passenger-door clunked open, and a guard stepped onto the platform.

"Damn fog," the guard said. "It's clear until you round the bend by the river. Make sure you're onboard when I blow the whistle." He scurried off down the platform.

The train had cleared a path in the fog for at least a car length. He caught sight of the guard again, just before he disappeared into the haze and passed the silhouette of a man and a young girl climbing onboard. A woman stood back waving, as if sending the child on a journey. A sensation of needles pricking his entire body ran through him as the breeze picked up again. He climbed aboard, secured the door and made

his way to a seat at the middle of the car. There was a sense of the man and the young girl passing him by, but he paid them no attention and slung his bag on the luggage rack before sitting.

Heater's not working, he shivered. The temperature seemed colder inside than out. He pulled up his jacket collar, folded his arms, placed his hands under his armpits and dug his chin into his chest. It didn't help, so he removed his hands to rub them together. A sideways glance at a reflection in the steamed-up window made his heart skip a beat. For a fleeting-moment, he thought he saw the image of a young boy, but a wipe with his sleeve revealed his own reflection. *Idiot*.

The train picked up speed, laboring at first, until it settled into a hypnotic rhythm. His body seemed to acclimate to the cold, and he fished in his pocket for his book. *What the... how did that happen?* “*The Twenty-one Red Balloons*, by William Pene du Bois,” he read out from the book cover. He opened it at the first page. Scrawled on the title page was a dedication, “To Carl, Happy birthday, love always, Mom xxx, November 14, 1947.” His bewilderment subsided and he smiled. *She must've switched the books. Bless her*. It was just the sort of surprise gesture his mom would spring on him. Maybe it was to remind him he had decided to spend his first ever birthday away from her. *Shōgun'll have to wait*. He thumbed the pages. *Man, she's gone weird*. He returned to the title page. *Forty-seven? Is this a joke? A children's book?* He sighed and put the book in his pocket before drifting off to sleep.

“I'm waiting...ready or not.”

The voice almost sang the words. The image of a girl appeared, her ashen face framed with matted hair and an expression devoid of emotion. The whites of her eyes were blacked out, yet glistened. A crimson tear rolled from the corner of her eye and down her cheek. His body suddenly jolted side to side, and a high-pitched whine offended his hearing. Panic set in as he fought to open his eyes and grip the headrest. A glance out the window and he realized the train was on a bend. For a moment, he had forgotten he was on the train. *Damn it, must've had a nightmare*. The wheels of the car were still grating on the track. As they hit the straight track, the ride smoothed out, and he felt the tension wash away.

Tightness developed in the muscle of one of his outstretched legs. He drew his leg back and caught his shoe, losing it under the seat in front. He bent down to search for it when he heard the car door open and shut behind him.

“Tickets?” someone called out. The door opened once more and then it closed.

By the time he sat back and looked behind him, there was no one there. His fingers were numb from the cold, and he could see his own breath. *Enough is enough*. He decided to find the conductor to complain. As he stood, a young girl made her way toward the bathroom door at the bottom of the car. The man who had sat behind her rose to his feet and followed her. Carl turned and went after the conductor. In the connecting car, the heat hit him, like walking into a brick wall. He caught sight of the conductor who disappeared through the door ahead. *No point pursuing*. He sighed and decided to change cars. Back at his seat, he reached for his bag. The train lurched and he lost his footing. The wheels screeched, and he fell headlong down the aisle.

Crash, gotta get out. He scrambled on his hands and knees at first, and, struggling to his feet, he made for the exit. The car swayed violently, buffeting him from side to side. His hands clawed at the seats as he desperately tried to gain forward momentum. The train lurched again, and he fell into the bathroom. He used the doorframe to haul his way back to his feet and headed for the exit... the door was open. The train seemed to have stopped, but he wasn't about to hang around. He jumped, expecting a drop, but he landed on a platform.

As he glanced around the station, it looked abandoned. There was no glass in the windows, and the slate roof was missing. A sign hung askew with the name, Bloomfield Junction. There was no sign of the girl, or the man. *My God, they must have jumped*. The train was only the engine and half of the first car along the platform. He ran toward the rear, having decided to search for them and vaulted over the barrier

at the end of the platform. His legs seemed to have no strength and buckled under him as he hit the ground face down.

“Unghhh.”

Something landed on his back and crushed him, pinning him where he lay. Whatever it was knocked the breath from his lungs. He felt his arms whip behind him and heard a sound, *Click, click*.

“Gotcha,” a gruff shout, and he was spun over. The burly guard stared down at him and spat phlegm near his face. “Trying to bum a ride without paying, ya scumbag. Pulling the emergency chord ‘ll get ya a spell in prison.”

“No... Wait! You got it wrong; there was a man...and a girl. They could be hurt. I think they must’ve jumped.”

The conductor and engineer joined them. He felt a sharp pain in his side as the engineer kicked out.

“Prison’s too freakin’ good for ya.”

“Wait, he says there was a young girl and a man. Maybe they pulled the chord?” said the guard holding back the engineer.

“Lying shit-faced bastard. There was no one in the car when I called tickets.’ He must’ve been hiding.”

“You passed them on the platform when I got on the train... remember?” he pleaded with the guard.

“Save it for the cops,” the guard snarled. “Better get the train running. I’ll wait until the cops get here. Put a call through to police headquarters and have a car pick me up,” he said and handed his whistle to the conductor. “On your feet scumbag and no... I don’t remember... cos there was no one there.”

“Cops are on their way and someone to pick you up,” the engineer called out from his cab window.

“We’re to pick up a replacement guard at the next station.”

The conductor opened the car door near them and threw Carl’s luggage out. A blow on his whistle and the train pulled away.

A car pulled up, crunching the gravel as it came to a halt. A few minutes later, two uniformed officers arrived. The guard walked over to the officers, and they talked in a huddle out of his earshot. One of the officers took out a notebook and started to make notes. Every once in a while they would glance across. One of the officers walked by him and headed down the track. The other approached him. If it wasn’t for the sting in his wrists, he felt as though he might be dreaming. *This is real all right*. The pain of the cuffs digging in convinced him of that.

“No one along the track!” the officer shouted and climbed onto the platform. “If someone did jump, they’d have landed in the bushes, but there’s no sign of any damage, or any footprints in the frost.”

Both officers took hold of him and lifted him to his feet. The guard passed one of them his luggage, while the other changed his cuffs.

“You’re under arrest...” a voice began and droned on in a monotone from behind. “I have to warn you that anything...” The rest was incomprehensible. They may just as easily have been reciting a nursery rhyme for all he could tell. The officers guided him to the car and dumped him into the backseat.

“Who we got, and what’s the charge?” asked the sergeant at the booking desk

“One, Carl Jones. Got on without buying a rail ticket and pulled the emergency chord.”

“You search him?”

“No,” replied the officer. He pulled off Carl’s ski-mask. “What’s this...you been robbin’?” He held it up to inspect it. The officer threw it on the desk and patted him down, emptying the contents of his pockets on the desk. “Bag only contains his clothes and shaving stuff. Nothing else.”

The sergeant listed his belongings, “One black wallet, with eight-hundred dollars. One pen knife and a book, title, *Shōgun*.”

Shōgun? His jaw dropped, and a shiver ran through his body as he fixed his eyes on the book in

disbelief.

“Name, address and your date of birth?”

“What?”

“I said, name, address and date of birth. Are you deaf...as well as daft?”

The officers and sergeant laughed.

“Male or female?” asked one of the officers and tugged at his long hair. It seemed to keep their amusement going until he spoke up.

“No...it’s...sorry.” He gave them his details, and the sergeant bagged his belongings.

“Take him to the interview room and keep him cuffed until we check him out.”

His mind was in turmoil. He sat in a room with just two chairs, a table and a tape recorder. *Nothing makes sense. The girl... the man... and for God’s sake...the book. Was it a dream?* The door to the interview room opened.

“Detective Frank Johnson...you can call me Frank,” he said and smiled. The detective walked behind him and released the cuffs. “I don’t think we’ll need these. Carl is it?” He sat down.

“Yes, Carl...Carl Jones,” he replied rubbing his wrists.

“Not the best of birthdays, is it?” He placed a file on the desk. He pressed the record button and recited the time and date and both their full names. “Have you been read your rights?”

“Yes, I think so. They read me my rights, and you’re right, it sure isn’t a happy birthday.”

Frank sat back and smiled. “Now just what is all this nonsense about? I’ve spoken to the sheriff in Bakersfield. Seems you’re highly thought of in that town. Says you’re a regular church-going hippie, by all accounts?”

“Yes, I take Bible classes for the kids. But I honestly don’t know what’s happened, except the train stopped and everything went to hell in a handbag. I thought there was an accident, so I jumped off the train.”

“Look, son, you’ll be doing yourself a favor if you just tell me what business you had in Bloomfield? What was so urgent you needed to pull the chord?”

“I swear on the Bible, I didn’t have any business in Bloomfield...and I sure did not pull the chord.”

“Calm down now, son. I’m on your side. What’s this about a young girl and a man...can you describe them?”

“It was difficult with the fog. The girl was about nine, maybe ten. She had long, black hair, a black coat and black leggings. The guy had a black overcoat, a black deerstalker cap that covered his ears and black trousers. I couldn’t guess his age, maybe forty or something.”

“What about features?”

“Like I said, it was foggy.”

“What about in the car?”

“I only saw them from behind; they didn’t sit together. The man sat behind the girl.”

“What about race...faces colored or white?”

Carl searched his memory, *Colored or white? They were black with the fog. What do I say?*

“Well?”

“Sorry, can’t say either way. It was foggy like I said. Wait... there was a woman, waving the child away.”

“Can you describe *her*?” After a long silence, Frank tapped his pencil on the desk. “Let me guess now, she was dressed in black, head to toe.” He sat back, rocked the chair on two legs and chewed at the pencil.

“Well, yes actually, how did you know?”

“I’m guessing that at around four in the morning there must’ve been a funeral in town. Heh, heh. I don’t

think that sounds quite right somehow, do you?" He sat forward, his smile turned to a frown and his voice seemed to lower an octave. "Now let's have the truth, where did you get the eight-hundred dollars from?"

His body started to shake at the new tone of voice. "I've been saving up at home to buy an original Gibson guitar for my birthday. That's where I was going, to Carson City, to buy a guitar."

The detective sprang to his feet and grabbed the file from the desk. He pressed stop on the recorder and removed the tape.

"You'll appear before the court in the morning on two charges. Best you have the night in a cell to think it over before pleading. You can make one phone call," he said and marched out of the room.

An officer entered and guided him to a cell. The metal cell door slammed shut, followed by the scraping sound of the key turning in the lock. Carl stood there and stared at the closed door, a single blanket in his arms.

Carl walked the last forty yards from the bus stop toward home. The court hearing hadn't lasted more than ten minutes. "Seven-hundred-and-seventy-five dollars bail to be lodged with the court," the judge had said. "Trial to be held in two weeks on Monday." His attorney didn't understand where they got such an odd figure.

Detective Johnson had smirked at him when he paid the money to the court cashier. The look Frank had thrown at him gave him a clue as to exactly where the figure came from. He was just grateful he was left with enough money to buy a sandwich and get home.

The front porch door opened as he walked down the garden path.

"Hi, sweetie," his mom greeted him.

"Hi, mom, great to be home."

"I'll bet it is; come and tell me all about it over a glass of lemonade."

"Mom, how old do you think I am, five? A six-pack would go down better and please, stop calling me sweetie."

"You'll always be my sweetie, but there are some beers in the frig," she laughed.

"I'll just go to my room and change. Down soon."

After his shower, he changed clothes and lay on his bed. *The Twenty-one Red Balloons*, he kept repeating over and over in his mind as he stared at the bookshelves. His room resembled a library. Two of the walls were floor to ceiling with books. He rolled off the bed and onto his knees to look closely at the bottom shelves where he kept his old children's books. Methodically, he traced his fingers along the spines, but there was no *The Twenty-one Red Balloons*, nor could he recall ever having read it. He left his room and bounded down the stairway to the kitchen.

"Ready to tell me now?" his mom asked and passed him a can of beer.

"Mom, did you or pa ever buy me a book called, *The Twenty-one Red Balloons*, as a birthday gift?"

"Hell, bought so many over the years, can't say as I recall."

"Does nineteen-forty-seven help?"

"Not really. How old would that make you?"

"Eight maybe. Yes, definitely eight."

"Oh I don't know, sweetie, just tell me what happened on Friday?"

"Mom, it's important. Please, try and remember...then I'll tell you."

She took a sip of her lemonade and then started to count on her fingers.

"Got it, that's when I took you to Carson City to see your first movie as a birthday treat. Yes, you would've been eight then. I did give you a book for the train journey...can't recall the name. Why?"

"Just humor me. I've gone through the books on my shelf, but I can't find it."

Her eyes rolled up as though searching her mind, then suddenly, she looked like she had a eureka

moment.

“Hot-air balloons, that’s it. I thought you meant the blowup party type. The book was about hot-air balloons. Your pa thought it was too advanced for your age and put it in the attic with some of your school drawings.”

“Thanks, mom. Back in a minute.”

“But...”

He reached over and gave her a peck on her cheek, before dashing out of the kitchen.

Carl found the box tucked away in the attic and started to rummage. At the bottom of the box, he found the book. At first sight, a cold chill passed through him. There was a feeling like an electric shock as he gripped the book. It was only for a brief moment, but he was sure he heard a girl giggling and saw a vision of a railway car full of people. *Holy shit*. His hands shook. A surge of fright caused him to scramble down the ladder, back to the safety of the kitchen.

“Looks like you’ve seen a ghost.” said his mom. “Your face is white.”

“Yours would be too if you went in the attic; it’s freezing up there. Now hush a minute.”

He thumbed through every page, not quite sure why. At the last blank page he turned it over and gasped. He stared at a colored crayon drawing. There were stick-figures of a boy and girl holding hands, and the outline of a church. The church was surrounded by a field of daffodils, interspersed with crosses. Underneath the picture, written in childish writing was a name, Mary. He pushed the book to his mom.

“Who’s Mary?”

This time it was his mom who looked like she had seen a ghost.

“Oh my God, it can’t be!”

“Can’t be who?”

“What made you think of that book?”

“You wouldn’t believe me if I told you. Just tell me who drew this and when?”

“It was your eighth birthday,” she sighed. “Remember? I told you I’d take you on the train. Well, the train was packed, and all you kids were running around. The conductor wasn’t happy. I made you sit down with a little girl you’d been playing with. I gave you this book, a crayon book and a pack of crayons. When I looked over, the girl was scribbling in your reading book and I pulled it away. You both ran off down the aisle. Ten minutes later, you came back in a sulk. Said you’d been playing hide and seek and lost her. Slept like a baby the rest of the journey.”

“That’s all? Why is your face ten shades paler than white?”

“No...um...that’s not all.” She looked down at the floor. “A few days later there was a report that a young girl had gone missing from the train. The police asked everyone to come forward, and I made a statement. They checked the ticket numbers and only two were missing...the young girl and a man. Never found either of them. It was all over the newspapers. Her name was... Mary.”

“Newspapers?” He jumped up and ran outside to his car.

Bakersfield Daily Herald, the sign said over the entrance. Carl entered.

“Do you have archives of the news for nineteen-forty-seven?”

“Sure. We have a machine in the reading room. I’ll dig out the microfiche,” said the clerk.

He waited in the reading room until the clerk entered and handed him the film. He worked his way through the headlines and stopped when one caught his eye. It was two days after the event.

Mother Reports Daughter Missing

A search is underway for nine-year-old, Mary Ainsworth, the daughter of Jessica and Frank Ainsworth. The family had just moved to Bakersfield. Mary’s mother told police, “I saw her off from Bakersfield

Station on November 14th to visit her grandmother.” Police are asking all passengers on the 1:30 pm from Bakersfield to Carson City to come forward. Apparently, the train was empty until it reached Bakersfield, according to a statement from the California Western Railroad...

He read everything he could find that followed. Another headline flashed on the screen as he scrolled through the film. His gut ached and he trembled as he frantically tried to scroll back to it.

Mary... Mystery Man Sought by Police

In an attempt to locate Mary Ainsworth, Detective Frank Johnson has released details of a man they would like to interview. According to California Western, he is the only passenger not to have come forward to make a statement. Described by other passengers, he was wearing a black, deerstalker hat, black overcoat and trousers. Detective Johnson is appealing for him to come forward, so he can be eliminated as a suspect...

Carl's entire body felt awash with cold shivers, and despite the warmth of the room, the tips of his fingers felt numb. He handed the film back to the clerk and asked him a question.

“Do you have any idea where I could get a copy of old train schedules?”

“Sure, every one printed since the line opened. What year? Let me guess, forty-seven?” The clerk lifted a heavy volume onto the desk and blew the dust off the cover. “Here we are. What month?”

“November.”

The clerk found the page and turned the book toward him. Carl ran his finger down the list to Bakersfield at 1:30pm and then along the stops toward Carson City. *Bingo, Bloomfield Station, 2.05pm.*

“When did Bloomfield Station close down?” he asked the clerk.

“No idea.”

“Nineteen-forty-eight, when they closed the quarry,” an old guy called out from behind the clerk.

There was a note on the kitchen table from his mom when he returned home.

“Gone to the grocery store. Wait for me; we need to talk.”

Carl went to his bedroom to gather his thoughts. He opened the lid on his old record player and took the album, *Imagine*, from the sleeve, placed it on the turntable and pressed play. The needle stuck and kept playing the opening three lines over and over. *Damn it.* He recalled the same thing had happened when he had tried to recite the lyrics in his mind on his way to the station. *The damn preacher put a curse on it after last week's sermon...said it was anti-Christian.* He began to think about the lyrics. *What if there was no heaven or hell? Or even if there is, like we're taught, what if there's something in between? The Catholics have their purgatory.* He took the album off the player and held it to the light, but couldn't see a scratch, so he put it back in its sleeve.

He threw his body onto the bed, clasped his hands behind his head and stared at the ceiling. *There has to be a logical explanation. No such thing as ghosts. The deerstalker hat, the time on the clock...has to be coincidence.* He thought back to the lyrics. *Ghosts...or spirits? Wait, that's it; there is no heaven or hell for them. Don't go there.* He shuddered to clear his thoughts. *Logic...logic... think... think, don't drift off course.* There was no logical explanation. *Mind recalls... flashbacks. Maybe the train trip unleashed something hidden in my subconscious?* He sat upright. *Maybe I know something about her. Come on, think outside the box.* As he scratched his head, a dark thought struck him. *Damn it, what if I pushed her...off the train?* He shuddered. All the same, he decided he needed to visit Bloomfield.

He jumped off the bed and ran to the kitchen to grab his car keys. A hop, skip and a jump and he was over the picket fence and at his car. A flick of the ignition fired up the engine, and he made a U-turn to come face-to-face with his mom. He rolled down the window.

“Wait, there's someone coming to see you.”

“No time,” he shouted. “I'm going over to Bloomfield Station. Back in a few hours,” he said and rolled

his window up, before steering around her.

The road sign for Bloomfield Station had an arrow pointing left. *Thought they'd have removed it by now.* His car drew up at the station, and he pulled into the parking lot. The tires made the same crunching sound he had heard the police car make as he came to a halt. Someone had fixed the picket fence gate; it was no longer hanging on one hinge. There wasn't even a squeak as he pushed the gate open and walked out onto the platform.

It didn't feel the same. As he glanced around, it didn't even look the same. *Someone fixed this up quick?* There was a fresh white line painted at the platform edge. The sign with the name of the station had been straightened and painted. He spun around to look at the building. All the windows had been glazed and the roof slates put back. Even the large hanging clock looked like it had been replaced. *Flower baskets? Maybe they're gonna open it back up?* He looked at his watch and back at the clock. *Damn clock's slow, five minutes past two? Dear God!* The time seemed to stretch the idea of coincidence, and he started to freak out. His knees started to weaken.

He walked over to a bench and gently touched it, just to make sure the paint was dry before sitting down. The sun was on its way down. It was still light but getting chilly. Light snowflakes began to fall, laying a thin blanket on the ground. He felt stupid for coming there. *What was I expecting?* He closed his eyes, willing that day twenty-eight years ago to come flooding back to him. All he could picture was the Gibson guitar he had failed to buy. He shook his head and decided he'd wasted enough time. *Time to go home.*

A sudden drop in temperature engulfed him. It was like nothing he had ever experienced, like walking into a freezer. A giggling sound came from his right. He felt an urge to hightail it to his car, but an even more compelling one to see who it was. As he rounded the edge of the building, a patch of woods faced him. A shadow seemed to dart between the trees twenty yards ahead.

"Who is it?" he shouted.

There was no reply, just a haunting laugh. His instinct was to forget it, but he soon found himself walking in the direction of where he had seen the shadow. A twig snapped behind him, and he spun around. He scanned the area, but saw no one and carried on. A glance at his watch and he realized he'd been following whoever was playing games for almost thirty minutes.

"Come out, whoever you are," he hollered. "Show yourself."

"You'll never find me." A melodic voice called back and stopped him in his tracks.

It was starting to get dark. The sounds of the critters made him feel nervous. But strangely, the fleeting glances of whomever, or whatever was playing with him didn't seem to be a threat. He craned his neck on hearing a sound to his right. It was like a slow, rhythmic thud, and he decided to follow it. At the edge of a clearing, he stopped. There was an old guy chopping wood with an axe. He had a sense someone was to his left, and he turned quickly. *Damned squirrel.* He watched as it scurried off. He looked over to his right just in time to see the figure of a young girl disappear behind a tree. There was a feeling of compulsion to continue the game. He followed her as she kept taunting him, and he worked his way in a semi-circle around the back of the old guy's house. A shadow moved behind a pickup truck next to the house. *Got ya.*

Oh no you haven't, not yet, reverberated in his head in a teasing manner of a girl's voice, trapped in an echo chamber.

Adrenalin washed through his body. It was a feeling like he experienced after his first fistfight at school, only this had a chill to it. The shadow seemed to dart out from behind the pickup and straight through a closed door of the house. *Shit, man; tell me I didn't see that. It did not happen.* Treading carefully, he worked his way behind the pickup.

Thump, thump, thump, he could still hear the old man chopping away. At the same time he was

conscious his heart was beating so loud, his mom could hear it back in Bakersfield. He fought a battle whether or not to turn back, but curiosity brought him to the door. In an instant, he was inside, but it was completely dark. He slipped his hand in his pocket and pulled out his snuff tin. As he opened the lid, the sweet smell of tobacco felt like nectar to his senses and masked the foul dank smell of the room. He took out a match and struck it. There were steps down to a cellar and a light switch, but he didn't dare try to switch it on for fear of the guy seeing the glow. As he hit the bottom step, the flame from the match licked his fingers. "Ouch!" It flickered and went out.

The cellar was freezing. His hand shook as he tried to strike another match. The second match lit, and he heard a muffled giggle. It made him jump, and he lost the match. In the darkness, he inched his way forward to where he heard the giggle, and he tried to strike another match. His foot caught something, and he fell. There was a loud crashing noise as something fell on him. "Shit!" He finally managed to strike a light. A large wooden crate lay over him. He peered over the top and froze.

Hunched in the corner was the apparition of a young girl. Her legs were bound at the ankles and her knees were drawn up to her chest. Emaciated arms draped over her knees, her wrists bound with rope. The tangled hair of her bowed head covered her features. Slowly, she raised her head and turned to face him. *It's her!* Then nothing... just darkness as the match burned out. He thought he was going crazy and scrambled like a crab backward. A voice in his head laughed.

"You found me," he heard singing over and over, gradually disappearing until inaudible.

There was a loud crash at the top of the stairway. The room flooded with light, temporarily blinding him. He rolled over onto his back and sat up. His eyes focused and he saw a figure coming down the stairs. It was the old guy, holding an axe.

"You...you... you murdered Mary!"

The guy's face contorted. "Now it's your turn."

"No, no...please." Carl scrambled backwards, clawing with his hands and pushing with his feet, until his back hit the wall. The old man raised the axe ready to strike. There was nowhere to hide. He braced his back against the wall, willing it to devour him. There was a sudden loud Bang!

Everything seemed to happen in slow motion and without sound. The old guy's left eye-socket exploded and expelled sinew in a spray of red mist. His body fell backward with the weight of the axe-head. He released the shaft from his grip. The axe swung like a pendulum, and it came to rest with a sickening thud, the blade firmly lodged in his assailant's crotch.

"Ugh," Carl winced and felt close to throwing up. "Detective Johnson!" he cried out with a feeling of disbelief, but also with a complete sense of relief as he watched Frank move down the steps, his gun drawn. "How the hell did you know to find me here?"

"A hunch, kid," he said as he reached the bottom of the stairs and holstered his magnum. "That and a phone call from your mom."

"The station, okay, I can understand, but why here?"

"Long story. The bum's been a suspect of mine for years. Never had enough on him to get me a search warrant. Got to admit, it freaked me out when you told your story down at the station. Geez, what a mess," he said as he inspected the body. "I found your car at the derelict station and took it from there."

"Derelict?" Carl was taken aback, but somehow not surprised. "That crate...I think she's in the crate."

It was a bright sunny day for late November in Bakersfield. The pastor finished his "ashes to ashes" eulogy by throwing dirt on the coffin. A young woman in her early thirties walked to the edge of the grave and tossed in a bunch of daffodils before she walked over to stand with Mary's family. The pastor strolled over to Carl.

"You must tell me all about how you found her after your Bible class on Sunday?"

"Trust me, you don't want to know. But thank you for allowing her to be buried in the church yard. I'm

sure she'll appreciate the daffodils in spring."

"Yeah." The pastor looked deflated and gave a faint smile.

The woman who had tossed the daffodils walked his way, lifted her veil and smiled. Her bright blue eyes seemed to dance in his vision. He was transfixed, even more so when he noticed she wore no ring.

"Hi...Carl, is it? I'm Mary's younger sister, Susan. I came down from Carson City. We're ever so grateful. You must visit me...and my mother sometime. I'll show you around." She took his hand.

"Uh..." It was all he could think to say. Her hand was so soft and warm.

"Is there somewhere we can go...for a coffee? I'd like to know you."

"Uh...sure, that would be good."

As they walked away hand in hand, the picture of Mary's crayon drawing came to his mind. The picture seemed to mirror the moment. A feeling of warmth washed through him. He was sure he heard a faint chuckle. His smile broadened into a grin. *God bless you, Mary.*



Dear reader

You have now reached the end of Hide and Seek. I would like to take this opportunity to thank you for reading my story and to ask you if you have enjoyed it to leave a review on the books page which will help other readers to consider the story for a read. If you have any thoughts you wish to share with me on my work, please feel free to email me at, declanconner@hotmail.com.



Kind regards

Declan Conner.